

# A MULHER EMPREENDEDORA NO MERCADO DE TRABALHO INFORMAL\*

## ENTREPRENEURING WOMEN IN THE INFORMAL LABOR MARKET

Kamila Fernandes de Lima\*\*

Maria José dos Santos\*\*\*

### RESUMO

As mulheres estão diretamente e indiretamente inseridas no mercado de trabalho informal, as mesmas assumem papéis ativos e também de destaque na área do empreendedorismo se fazendo vigente no cotidiano dos brasileiros, adquirindo assim uma posição economicamente ativa na sociedade. O presente artigo objetiva identificar os motivos que levaram as mulheres a empreenderem informalmente, e tem como objetivos específicos compreender os fatores que conduziram as mesmas a entrarem nesse ramo de atividade e revelar a importância do empreendedorismo para as mulheres. Os dados para a fundamentação do trabalho foram pautados através de uma detalhada revisão bibliográfica de artigos, utilizando como fonte de pesquisa o indexador SciELO, pesquisas nos sites acadêmicos e repositórios, separando os projetos que abordassem em seu contexto a mulher como empreendedora informal ou retratando a mesma como a provedora primária do lar. Para melhor fundamentar o embasamento do artigo para a utilização do mesmo em sua determinada finalidade, foram dispensados os artigos que não tivessem um foco direcionado para o âmbito do tema em questão e os projetos que tinham apenas uma abordagem muito superficial sobre o tema, priorizando assim os trabalhos que retratassem o cotidiano da mulher no trabalho informal. Os resultados apurados de acordo com as revisões bibliográficas deferidas mostram a participação ativa da mulher como empreendedora no mercado informal de trabalho, em que foram apresentados como os principais motivos a necessidade, fatores ligados à família, falta de opção no trabalho formal, realização profissional e outros.

**Palavras-chave:** Mulher. Empreendedorismo. Empreendedorismo Feminino. Mercado informal.

---

\* Artigo apresentado ao Curso de Administração da Faculdade do Vale do Jaguaribe, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Administração, Aracati-CE, 2020.

\*\* Aluno do Curso de Administração da Faculdade do Vale do Jaguaribe, E-mail: Kamilafernandesdelima@gmail.com.

\*\*\* Orientadora – Professora da Faculdade do Vale do Jaguaribe, E-mail: maria.santos@fvj.br.

## ABSTRACT

### ENTREPRENEURING WOMEN IN THE INFORMAL LABOR MARKET

Women are directly and indirectly inserted in informal labor market. They take on active and also prominent roles in entrepreneurship, becoming effective in the daily lives of Brazilians and acquiring an economically active position in society. This article aims to identify the reasons that led women to start businesses informally. Its specific objectives are to understand the factors that led them to enter this activity branch and to reveal the importance of entrepreneurship for women. The data that grounds this work have been guided by a detailed bibliographic review of articles, using SciELO index, academic websites and repositories as research sources, sticking to projects that approach women in their context as informal entrepreneurs or that depict them as primary providers of their homes. In order to better justify the basis of the article for its use in its determined purpose, articles that did not focused on the scope of the topic in question and projects that had only a very superficial approach on the topic have been dismissed. Therefore works that portray the daily life of women in informal work have been prioritized. The results obtained according to the deferred bibliographic reviews show the active participation of women as entrepreneurs in informal labor market, in which the main detected reasons were necessity, family-related issues, lack of option within formal labor market, professional achievement and others.

**Keywords:** Woman. Entrepreneurship. Female Entrepreneurship. Informal market.

Data de submissão:

Data de aprovação:

## 1 INTRODUÇÃO

O surgimento da informalidade deu-se através do conceito da formalidade, ela surgiu em um momento em que o Brasil enfrentava problemas econômicos e como efeito desse problema levou à diminuição dos empregos formais, dando assim frente ao mercado informal (CRUZ, 2014).

As primeiras mulheres inseriram-se no mercado de trabalho informal na necessidade de dá continuidade aos afazeres dos seus maridos que partiram para a I e II Guerras Mundiais (PROBST, 2003). Com isso, elas tiveram que assumir seus lares e garantir a continuidade dos negócios familiares até o fim das guerras, porém muitos chefes de família não voltaram das guerras, e outros voltaram mutilados, sem poderem retomar seus postos. Daí em diante, aquelas mulheres passaram a ser responsáveis por assumir definitivamente os negócios, passando então a assumir o cargo de chefe de família, a fim de garantir a sobrevivência dos negócios e da família (PROBST, 2003).

O setor informal foi crescendo e se expandindo, uma vez que o livro mapa do trabalho informal destaca que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) “avalia que entre 1986 e 1996, para cada 100 novas ocupações criadas na América Latina, 80 eram informais” (JAKOBSEN et. al., 2000, p. 15). Segundo o mapa do trabalho informal, esse aumento deu-se após a Segunda Guerra Mundial, por conta do alto número de imigrantes que saíram do campo para a cidade e por conta da alta burocracia legal do estado para a formalização de um negócio (JAKOBSEN et. al., 2000). Esse mesmo estudo relata que esses trabalhadores têm suas jornadas maiores que os trabalhadores formais para conseguirem ganhar o mínimo, e que eles estão nesse ramo porque já desistiram de procurar emprego. Acrescenta-se ainda que a maior parte dessas atividades esteja sujeita a repressão policial, tornando assim seus ganhos incertos.

Os autores Kuyumjian, Melo e Santos (2001) afirmam que além da sua atividade principal de trabalho, essas mulheres ainda fazem trabalhos domésticos a fim de diminuir os gastos de casa e exercem outras atividades no fim de semana para complementar a renda familiar, pois apenas a renda do trabalho informal não é suficiente para suprir as necessidades básicas. Eles ainda destacam que na atualidade, a mulher tem dupla ou tripla jornada de trabalho.

Também se sabe que no contexto em questão, o papel que a mulher teve que se submeter a assumir não é de fato, uma tarefa fácil. Levando em conta a situação econômica à precariedade de opções de trabalho informal e o baixo capital de lucro envolvido, a mesma tende a não exercer apenas uma função propriamente dita, tendo que exercer mais de um cargo informal para poder complementar a renda familiar, em vigor de que pelo fato da renda informal ser inferior a renda formal, ou

seja, a mesma não se faz suficiente para que a devida família tenha seu sustento total apenas de um ramo de atividade (KUYUMJIAN; MELO; SANTOS, 2001).

Outra problemática comum no setor de trabalho informal que as mulheres estão inseridas se dá na precariedade nos postos de trabalho que as mesmas estão atuando, pois se tratando de um âmbito informal, sem fiscalização, sem órgãos prestando manutenção, segurança ou a higienização devida, elas estão assumindo cada vez mais riscos, tendo que trabalhar muito para poderem obter suas rendas e ao mesmo tempo se expondo a riscos na mesma proporção, se tornando assim mais vulneráveis a fatores externos, como perigo físico que podem ser infligido as mesmas, quanto a riscos com a saúde física e mental, sem deixar de mencionar o alto índice de desvalorização e de reprovação imposta as mesmas (FERREIRA, 2005).

Ao longo dos anos, a mulher vem ganhando espaço nesse ramo de atividade em questão, pesquisas deferidas com dados levantados pela Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE (2010), referente à taxa mensal de emprego, mostra que a distribuição da população ocupada no ano de 2009, demonstra que 13,5% das mulheres estão inseridas no mercado de trabalho sem terem suas carteiras assinadas, e 17,4% trabalham por conta própria assumindo papéis autônomos ou atuando ativamente em setores informais de trabalho.

Pode-se observar nitidamente que através dos anos esse percentual de mulheres que trabalham informalmente vem aumentando. Em 2018 apenas 30% das mulheres tinham CNPJ, mostrando assim que 70% delas trabalham informalmente (SEBRAE, 2019).

Um dos pontos positivos vem sendo esse crescimento da mulher no mercado de trabalho, ganhando seu lugar na sociedade, porém, um dos maiores problemas é que isso vem ocorrendo nos postos de trabalho mais precários, sendo assim, correm mais riscos e trabalham muito mais para poderem adquirir suas rendas, pois estão mais vulneráveis e ainda continuam sendo desvalorizadas (FERREIRA, 2005).

Este estudo visa responder a seguinte pergunta: “quais os motivos que levaram as mulheres a empreender informalmente?”.

Assim, a presente pesquisa tem como objetivo geral identificar os motivos que levaram as mulheres a empreenderem informalmente, e tem como objetivos

específicos compreender os fatores que conduziram as mesmas a entrarem nesse ramo de atividade e revelar a importância do empreendedorismo para as mulheres.

De acordo com os critérios metodológicos utilizados para fundamentar o presente artigo, foram selecionadas bibliografias referentes ao tema abordado que se fizeram funcionais para a fundamentação do conteúdo e discussão teórica do mesmo.

O presente artigo divide-se em cinco seções, a primeira delas é a introdução, onde se encontra descrita o tema geral e o que será abordado no decorrer da pesquisa, a problemática, as hipóteses e o objetivo da pesquisa.

A segunda seção trata sobre os assuntos abordados pelo referencial teórico que foram divididos em três tópicos, sendo que no primeiro tópico estão contidas informações sobre o surgimento do trabalho informal; no segundo tópico encontra-se a abordagem histórica da mulher no mercado de trabalho informal, a necessidade da ingressão no mesmo e como foi o primeiro ingresso nesse ramo; o terceiro tópico demonstra como se deu o empreendedorismo feminino.

Na terceira seção encontra-se a metodologia utilizada para fundamentar este presente artigo. A quarta seção foi direcionada para a apresentação dos resultados obtidos. E por fim, na quinta seção encontram-se as considerações finais do devido estudo exposto.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Para contextualização e embasamento do presente estudo serão apresentados três tópicos. O primeiro deles apresentará dados sobre o trabalho informal, descrevendo seu surgimento e sua trajetória ao passar do tempo, demonstrando taxas e diferentes visões em relação a esse setor da economia.

No segundo tópico, encontram-se dados relacionados à mulher no mercado de trabalho informal, começando por sua inserção até dados atuais do percentual delas inseridas no ramo, trazendo à tona dados como: escolaridade, horas diárias trabalhadas, motivação da inserção no ramo, local e condições de trabalho.

No terceiro tópico, enfocam-se dados relacionados ao empreendedorismo feminino, demonstrando as características do empreendedor e a proporção de mulheres que empreendem.

## 2.1 Trabalho informal

Tomazini (1995) enfoca que a economia informal é exatamente a falta de regulamentação de instituições que realizam trabalhos similares aos legalizados. Esse mesmo autor ressalta ainda que a economia informal é composta por um conjunto de atividades que tem como objetivo a busca da sobrevivência de pessoas não assalariadas, por não ter um lugar no mercado formal de trabalho, essas pessoas estão nesse ramo de atividade por não possuírem uma oportunidade de uma perspectiva de vida melhor. Essa falta de regularização afeta os trabalhadores e o próprio processo de trabalho.

Existem diferentes pontos de vista em relação à origem e o papel do setor informal na economia, as ocupações informais tendem a ser identificadas com outros nomes como, por exemplo, setor não estruturado, setor não organizado e ainda setor não protegido (JAKOBSEN et. al., 2000). “O termo ‘Setor informal’ foi cunhado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) e utilizado pela primeira vez nos relatórios sobre Gana e Quênia, elaborados no âmbito do Programa Mundial de Emprego, em 1972” (JAKOBSEN et. al., 2000, p.13).

No entanto, Lima e Soares (2002) demonstram que essas ocupações nos anos 60 e 70 também eram chamadas de atividades subterrâneas e mercado negro. Nesse contexto, não se diferenciavam atividades informais de atividades ilegais ou criminosas. Nesse sentido, o informal e o ilegal/criminosa faziam parte do mesmo contexto, não tendo distinção, sendo assim o trabalho informal não seria considerado um ramo de atividade digna. Já nos anos 80, o informal foi considerado uma resposta dos excluídos da ação reguladora estatal vinculada a interesses das elites locais, sendo assim, não seria mais uma atividade indigna (LIMA; SOARES, 2002).

No Brasil, o trabalho informal é dependentemente ligado à legislação, definida por não ter carteira assinada, registro de autônomo ou ainda status de empregador, ou seja, atividades não registradas como atividades econômicas (NORONHA, 2003).

O mesmo autor também afirma que esse tipo de mercado tem sido identificado no Brasil como sendo uma ruptura do que se tem como padrão contratual, que nesse sentido seria o contrato de trabalho formal de carteira assinada, considerando ter nessa perspectiva um problema econômico e social.

O setor de trabalho formal seria exatamente a regra pré-estabelecida, enquanto o informal seria exatamente um recurso utilizado como uma estratégia de sobrevivência daqueles trabalhadores que não conseguiram um lugar nessas regras estabelecidas (SASAKI, 2009). Sendo assim, tiveram que procurar o outro patamar, onde os encaixassem.

Segundo Tomazini (1995), a excedente mão de obra nas cidades é um reagente da migração da população, no entanto, esse excesso de mão de obra tem apenas duas opções, uma delas é ficar desempregado e a outra é criar uma estratégia de sobrevivência. Com isso, nasce a fundação de novos postos de trabalhos informais, dando assim origem o setor informal.

Jakobsen et al. (2000) demonstra duas visões diferentes sobre a informalidade, ele ressalta que “Embora alguns apreciem a ‘autonomia’ do trabalho informal, a maior parte deles está na informalidade em razão do desemprego e a ampla maioria tem como demanda comum a regulamentação da atividade” (JAKOBSEN et. al., 2000, p. 09). Esse mesmo autor enfoca que esse setor da economia se caracteriza por rendas muito baixas, além de ser extremamente precária e não garante os direitos trabalhistas.

Noronha (2003) afirma ainda que essa informalidade era percebida pelos especialistas até o fim dos anos 1980 como um problema endêmico, e que esses especialistas e os políticos desejavam e previam uma expressiva redução desse mercado.

Entretanto, ainda segundo esse autor, deu-se uma alavancada nessa informalidade, passando de um total de 20% em 1991 para 28,1% em 2001 a porcentagem de trabalhadores sem carteira assinada, contrapartida nesse mesmo período ouve uma queda significativa de 12,8% nos trabalhadores de carteira assinada.

Sasaki (2009) relata que a informalidade parte de dois pressupostos. Segundo o autor, “a perspectiva econômica, onde os trabalhadores constituem excedente estrutural, e as distorções do arcabouço jurídico de regulamentação do trabalho como responsável pelo crescimento do trabalho informal” (SASAKI, 2009, p. 41). Ainda segundo o autor, esses pressupostos se completam.

Segundo Cruz (2014) a informalidade está constantemente crescendo, seja por necessidade ou por observarem uma nova oportunidade. Outro fator apontado para o aumento da informalidade seria a dificuldade em conseguir um emprego

formal, além disso, esse ramo de atividade não se caracteriza por ter dificuldades da criação de um novo negócio, tendo em vista que o mesmo não sofre intervenções governamentais, com isso podendo ser criado constantemente novos negócios.

Passando-se os anos, esses números de trabalhadores informais foram cada vez mais aumentando e o trabalho informal se destacando em meio aos trabalhos formais. Segundo a pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019, divulgada na agência IBGE notícias, quase a metade da população ocupada está trabalhando inserida na informalidade, número esse que chega a 41,4% (RENAUX, 2019).

No Brasil, essa divisão de mercado informal e formal, deu-se através de um amplo código de leis do trabalho, estabelecida no período do corporativismo de Estado de Vargas durante as décadas de 1930 e 1940, até então leis e contratos eram quase inexistentes. Assim, o mercado de trabalho era livremente negociado, sem ter leis e contratos coletivos (NORONHA, 2003).

Segundo Cordeiro (2013), o principal atributo do trabalho informal é a falta dos direitos trabalhistas, e que as mulheres são as principais vítimas. A respeito disso, afirma que:

As mulheres são as principais vítimas da precarização do trabalho no setor informal, da ausência da carteira assinada, do trabalho temporário e das doenças ocupacionais devido ao trabalho repetitivo. Sua introdução frágil no mercado de trabalho impõe a condição do subdesemprego. São milhões de excluídas de direitos trabalhistas (CORDEIRO, 2013, p.36).

Existem muitas empresas formais legalizadas nas normas da legislação que não formalizam os seus contratos de trabalhos. Essas empresas contratam seus trabalhadores sem registrá-los em carteira. Logo, abrem-se novos postos de trabalhos informais, demonstrando assim, que não se restringe somente a economia informal a criar trabalhos informais, mas também a economia formal pode criar esses postos (NORONHA, 2003).

Sobre esse campo do trabalho informal, pode-se corroborar nas ideias de Cordeiro (2013) quando afirma que o trabalho informal acaba sendo uma saída mediante a crise econômica e o fato do trabalho formal está limitado e, com isso, não pode abranger essa mão de obra que está excedente. Ele enfoca ainda que o informal não traduz pobreza, pois tem os informais pobres, mas contrapartida, também existem informais não pobres, ou seja, indivíduos que procuram complementar suas respectivas rendas, que buscam afins de trabalhos paralelos,

suprir outras necessidades ou até mesmo o desejo de independência no trabalho ou simplesmente pelo ato de querer trabalhar para si.

## **2.2 A mulher no mercado de trabalho informal**

Segundo Ellen et al. (2010), com o passar dos anos as mulheres vêm cada vez mais evoluindo e com isso se inserindo mais diretamente no mercado de trabalho, obtendo assim um rápido crescimento. A partir do ano de 1980, as cidadãs vêm se firmando ainda mais nos diversos setores de trabalhos existentes, onde deixaram de apenas complementar a renda familiar passando a serem chefes de suas famílias.

Os autores ainda fomentam que essas mulheres estão se dedicando cada vez mais aos estudos. Através disso e com o frequente avanço tecnológico, estão conseguindo competir de igual com o sexo masculino, pois foi trocado a força física pela capacidade técnica e intelectual.

Esse ganho de espaço feminino no mundo e no mercado vem sendo de extrema importância para as mulheres, pois assim as mesmas conseguem sair dos postos de precariedade, postos esses que pode ser observado e confirmado pela visão de Nogueira (2004), ao afirmar que ainda tem vertentes que as demonstram em postos mais precários que os homens. A respeito disso, ele afirma que:

Apesar de entendermos que a forte inserção no mundo do trabalho tenha significado um avanço e um grande ganho para a mulher; percebemos também que essa acentuada participação feminina no espaço produtivo tem sido marcada pela precariedade (NOGUEIRA, 2004, P. 76).

No Brasil, mostra-se um constante aumento da participação feminina no mercado de trabalho, mesmo que esse número ainda não seja tão grandioso como o masculino, é observado que enquanto o percentual de mulheres cresce no mercado de trabalho, para os homens esse número está decrescendo (KON, 2006). Ele observou ainda que em ocupações por conta própria e em setores de baixa produtividade de comércio e serviço, as mulheres superam o total de homens.

Em relação a esse assunto, Kon (2006) ressalta ainda que esse aumento vem se dando por conta da necessidade de sobrevivência de suas famílias e o aumento das mulheres como chefes de família, com isso elas se veem na necessidade da aceitação de trabalhos sem proteção legal e em condições

desvantajosas, muitas vezes pela falta de oportunidades ou da valorização das mesmas em outros setores.

Em relação às mulheres que são mães, o seu principal obstáculo para inserir-se no mercado de trabalho formal seriam os filhos. Elas não conseguiriam cumprir seus horários, pois não teriam como conciliar os mesmos com o cuidado de suas famílias (BRUSCHINI, 1994). Perante isso, o autor ainda ressalta que no trabalho informal seria mais fácil de conciliar, pois assim essas mulheres poderiam fazer seus próprios horários em alguns tipos de atividades.

Segundo Ellen et. al (2010) para as mulheres que têm família, torna-se mais difícil a conciliação da sua vida pessoal com a profissional a saber que:

Ser mãe e trabalhar fora exige uma preparação emocional e profissional muito equilibrada. Esta preparação diz respeito ao entendimento pela mulher do seu papel como mãe e profissional, estabelecendo os objetivos e limites de cada papel. Sendo essa uma tarefa de ordem pessoal e intransferível, cada mulher tem que construir e definir estes papéis (ELLEN et. al, 2010, p.57).

Ainda nesse contexto, Neves e Pedrosa (2007) demonstram que a terceirização acaba sendo uma saída para essas mulheres, ele demonstra duas vertentes em relação à terceirização de produção. A primeira delas diz respeito ao lugar onde as mulheres irão executar suas atividades. Eles enfocam que a produção terceirizada é preferível por mulheres mães e casadas, pois podem executar essas atividades no conforto do seu lar estando assim próxima a sua família, podendo fazer seus próprios horários e cuidando dos afazeres domésticos nos intervalos entre uma peça e outra.

Por outro lado, estes mesmos autores chamam atenção para as jornadas de trabalho dessas mulheres, pois elas ressaltam que têm jornadas de 12 horas diárias ou até aguentarem, ou seja, acabam trabalhando muito além do que se espera.

Ainda segundo Neves e Pedrosa (2007), os empresários acham vantajoso esse tipo de produção, por lhes trazerem uma redução de custos, uma vez que as mulheres acabam produzindo mais, pois em épocas de sazonalidade elas trabalham ainda mais além, se utilizando também dos fins de semanas para concluir mais demanda e com essa forma de trabalho os empresários não arcam com ônus das horas extras.

Por conseguinte, Kuyumjian, Melo e Santos (2001) demonstram dados dos seus estudos realizados em Brasília, onde apontam que 80% das mulheres

pesquisadas estão inseridas no mercado de trabalho informal como uma forma de sobrevivência, obrigação e responsabilidade pensando no melhor para a vida dos seus familiares. Ressalta-se ainda que elas veem no empreendimento uma forma de adquirir renda, porém todas têm perspectivas de uma vida melhor.

Ainda segundo Kuyumjian, Melo e Santos (2001), esse mesmo estudo realizado em Brasília revela que as mulheres por um lado gostariam de ter um trabalho formal, para poder usufruir dos direitos, como plano de saúde para seus familiares e licença para acompanhá-los em consultas médicas.

Esse mesmo autor observou que por outro lado, elas não poderiam conciliar família e trabalho ao mesmo tempo por conta do cumprimento de horários que teriam a exercer, não teriam o livre consentimento de fazer seus próprios horários nem de levar seus filhos junto para o campo de trabalho que atuam, assim manter-se-iam cada vez mais afastadas da família.

No que tange a esse pressuposto, Quirino (2012) relata que em 2009 o percentual das mulheres trabalhando por conta própria e sem terem suas carteiras assinadas é de 30,9 %. Ele ainda ressalta que, em relação à idade dessas mulheres, as jovens vêm tendo destaque nessa categoria, mais da metade delas que tem entre 16 e 24 anos estão em trabalhos informais.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua no 4º semestre de 2017 divulgada na agência IBGE notícias, dentre as 5,9 milhões de mulheres que trabalham como domésticas, o número de mulheres inseridas nesse setor sem carteira assinada chega a um percentual de 71,6%. Ainda segundo essa mesma pesquisa, em relação ao nível de estudo, dentre as 40,2 milhões das mulheres trabalhadoras, o percentual das que tem o Ensino Superior completo, chega a 24,3% (SARAIVA; BELLORENAUX, 2017).

### **2.3 Empreendedorismo feminino**

Quando o assunto é a inserção da mulher no mercado de trabalho, Gimenez, Ferreira e Ramos (2010) demonstram que há limitações. Esses autores destacam como sendo a família, os filhos e a execução das tarefas domésticas, os restritivos que limitam o exercício da profissão feminina. Para conseguir conciliar essas limitações com o trabalho, as mulheres procuram no empreendedorismo uma

fonte de complementar e manter suas rendas familiares, além da obtenção da sua realização profissional (GIMENEZ; FERREIRA, RAMOS, 2010).

O termo empreendedor nem sempre teve o sentido que lhe é dado hoje, que está associado à ideia de inovação. Essa associação só foi feita no século XX, pois no século XII na França, esse termo era designado às pessoas que incentivavam brigas. Com os séculos a palavra foi mudando de sentido. “O termo, entretanto, passou a ser utilizado para se referir àquele que criava e conduzia projetos e empreendimentos só no final do século XVII e início do XVIII.” (SCHEMES; FAY; PRODANOV, 2010 p.158).

Existem significados diferentes para o sentido da palavra empreendedor. Segundo o dicionário online de português Houaiss (1996), empreendedor é o “indivíduo que possui capacidade para idealizar projetos, negócios ou atividades”.

Através das características do comportamento do ser humano, é possível identificar um empreendedor, “empreendedorismo requer inovação, dedicação e motivação, além de outras características encontradas em pessoas que empreendem” (CAVALCANTE, 2018 p.20/21).

Logo, Cavalcante (2018) destaca ainda que são as suas características como empreendedor que fazem o diferencial do seu negócio, e como consequência o leva para a obtenção do sucesso.

Segundo Amorim (2012) a mulher tem suas características próprias femininas, contudo elas ainda estão adquirindo características que antes eram comuns apenas para o sexo masculino. Com a interligação dessas características desenvolve-se um diferencial inovador que leva a mulher para se tornar uma empreendedora de sucesso.

São listadas como características femininas a sensibilidade, empatia, comprometimento, vontade de ajudar. No entanto, elas adquiriram características como a competitividade, liderança, ambição, capacidade de assumir riscos, aceitação de mudanças, independência, autoconfiança, que estão listadas como características adquiridas do sexo masculino (AMORIM, 2012).

Sobre isso, Machado (1999) enfoca que há uma alta taxa de sobrevivência nas empresas comandadas por mulheres, tendo em vista que um dos motivos exposto por esse autor para esse fato seria exatamente a junção dessas duas características, que dá a mulher um estilo diferenciado de empreender.

Desde 2010, homens e mulheres vêm se igualando no percentual de empreendedores iniciais, demonstrando assim um aumento notório no que diz respeito à participação da mulher como empreendedora inicial. Em 2002, este percentual era de 42,4 % para as mulheres, enquanto os homens tinham percentual de 57,6%, em 2010. Essa diferença caiu, passando para um percentual 49,3% o total de mulheres e 50,7% o total de homens (SEBRAE, 2015).

Em relação aos empreendedores estabelecidos, nota-se que há um menor número de mulheres. Em 2002, as mulheres atingiam um percentual de apenas 30,9%, enquanto 69,1% eram homens. Em 2010, deu-se um salto no percentual feminino passando assim para 43,9%, enquanto o masculino caiu para 56,1. Em 2015, as mulheres deram mais um salto, passando para 44,3% o percentual de empreendedoras estabelecidas (SEBRAE, 2015).

Segundo Oliveira (2017) o número de mulheres empreendedoras que trabalham por conta própria e não possuem CNPJ chega a ser notório e expressivo. Observou-se que em 2012, apenas 17% dessas mulheres eram legalizadas e 83% delas não tinham registros. Com isso, deixa expressivo o alto nível de informalidade. Quando se diz respeito ao lugar de atuação dessas atividades, 35,6% delas trabalham em seu próprio domicílio, promovendo a despreocupação de parte das mesmas com o registro do estabelecimento (OLIVEIRA, 2017).

Muitos são dados como motivos para o empreendimento em áreas informais. Potrich (2013) relata alguns fatores motivacionais, entre eles se destacam: a falta de oportunidade de emprego, a vontade de ter seu próprio negócio, o desemprego e o complemento da renda familiar. Sendo assim, Silvia (2019) complementa como sendo outro fator observado, o financeiro, a liberdade e a flexibilidade.

Relatos de Gimenez, Ferreira e Ramos (2010) mostram que países pobres e em desenvolvimento têm taxas altas de empreendedorismo feminino, sendo assim o mesmo afirma que não é um fator positivo, pois são exatamente os países com elevados níveis de pobreza e desigualdade, que se utilizam do empreendedorismo como alternativa de sobrevivência.

Em contrapartida, Dornelas (2008) relata que o alto índice de empreendedorismo no Brasil se torna um fato preocupante, tendo em vista que segundo ele, as maiores partes desses empreendedores estão empreendendo por necessidade, sendo que os mesmos não têm planejamento nem visão do futuro, são

negócios focados somente no presente sem visar o crescimento do negócio e nem o desenvolvimento econômico.

No entanto, Amorim (2012) mostra que o empreendimento feminino é importante tanto para a sociedade como para a economia, pois a mulher empreendendo além dela empregar a si mesma, ela ainda ajuda a sociedade criando novos empregos para outras mulheres.

### **3 METODOLOGIA**

No seguinte capítulo são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados para a elaboração do devido estudo.

A abordagem metodológica utilizada para a construção do presente artigo se constitui em uma revisão de literatura pautada na mulher e sua atuação no setor de trabalho informal, abordando os fatores que levaram a mesma a se inserir nesse meio. Os dados contidos para a fundamentação do mesmo foram colhidos com base em pesquisas no indexador SciELO e em sites acadêmicos como no Google Acadêmico, em repositórios como das universidades UnB, Unicamp, USP, livros disponíveis na biblioteca da FVJ, livros online e em bases de dados do IBGE.

Os critérios para inclusão dos artigos foram: temática relacionada ao assunto, publicações históricas e publicações mais atuais, contextos mais técnicos e conceituais. Quanto aos critérios de exclusão: literaturas que não pautavam a mesma no cenário aqui apresentado ou que fugissem do tema abordado. As palavras-chaves utilizadas foram mulher, empreendedorismo, empreendedorismo feminino e trabalho informal.

A presente pesquisa é descritiva, e vale salientar que “as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2002). A pesquisa descritiva também pode aparecer sob diversos tipos de estudos, como por exemplo: documental (revisões bibliográficas, artigos, publicações), estudos de campo: (pesquisas interpessoais, levantamento de fatos, questionários, levantamentos) entre outras (GIL, 2002).

O estudo exposto foi realizado através de estudos bibliográficos, e sobre isso, Gil (2002) aponta que quase todas as pesquisas se utilizam desse estudo, que é realizado através de materiais já elaborados.

#### 4 RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÕES

Nota-se um aumento do empreendedorismo feminino na informalidade através dos anos, muitos são os autores e os motivos relacionados a esse devido aumento. Tomazini (1995) enfoca que esse aumento se deu através da grande demanda de mão de obra. “Sobre esta oferta de trabalho ou fica desempregada ou cria estratégias de sobrevivência nas novas atividades que ela mesma ajuda a conformar nos conglomerados urbanos” (TOMAZINI, 1995).

Observa-se assim, que o principal objetivo do trabalho informal não é o acúmulo de capital, nem a competitividade por taxa de lucro entre eles, mas sim o alcance do fluxo de lucro total que supra as necessidades e os gastos principais das devidas famílias (SILVA, 1997).

Segundo dados de 2007, sobre inserção das pessoas no empreendedorismo no Brasil foram observados que o fator que levou a essa inserção foi o fator de necessidade tanto para homens como para mulheres, pois dados demonstram que esse é o verdadeiro motivo de 38% dos homens empreenderem, por outro lado a mulher desparrá nessa proporção, chegando a 63% (GIMENEZ; FERREIRA, RAMOS, 2010).

Esses números são enfocados por Gimenez, Ferreira e Ramos (2010) como sendo uma resposta á pressão que é coloca na mulher e ela se vê sem alternativas há não ser se inserir em postos de trabalhos precários, por não haver trabalho formal para a excedente mão de obra disponível no mercado, ela não tem outra opção a não ser partir para o ramo do empreendedorismo. “Esta precarização, juntamente com a redução da renda familiar, constitui uma pressão para a mulher atuar como empreendedora por necessidade” (GIMENEZ; FERREIRA, RAMOS, 2010, p.116).

Em 2015, observou-se que ocorreu um aumento notório no número de empreendedores por necessidade. Esses grupos de empreendedores visam somente o sustento da família por não terem uma oportunidade de emprego e procuram no empreendedorismo um meio de subsistência (SEBRAE, 2015).

Muitos autores seguem essa mesma linha de pensamento em relação a motivação da inserção da mulher no mercado de trabalho, Kuyumjian, Melo e Santos (2001) enfocam três motivos que seriam a sobrevivência, a obrigação e a

responsabilidade, ressalta ainda que elas estão nesse ramo a procura do melhor para sua família.

Sendo assim, Amorim (2012) afirma que o empreendedorismo tem dado às mulheres um caminho de sucesso, porém o mesmo relata que as mulheres estão no empreendedorismo porque observaram ali um meio de sobrevivência, muitas vezes o local de atuação delas é sua própria casa, pois assim conseguem conciliar seu trabalho com os afazeres domésticos e o cuidado dos filhos.

Nesse contexto, Gimenez, Ferreira e Ramos (2010) fizeram essas mesmas observações em relação da conciliação de trabalho e família, porém ele enfoca outro fator de extrema importância para a inserção da mulher, que seria manter e complementar a renda familiar e obter sua própria realização profissional.

Segundo Kon (2006), o grande número de participação no trabalho por necessidade acaba contribuindo para os postos de trabalho precário:

O aumento da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro, originada da necessidade de sobrevivência familiar, e a crescente situação de mulheres como chefe da família encontram na conjuntura uma situação econômica de baixa oferta de novos empregos, o que colabora para que a mulher aceite condições desvantajosas e sem proteção legal no mercado de trabalho assalariado (KON, 2006, p.53).

Outro ponto direcionado como fator da inserção da mulher nesse ramo de atividade seria a flexibilidade de definir seus horários, pois assim as mesmas poderiam ter mais tempo dedicadas aos cuidados da casa e da família, tendo assim mais tempo livre para cuidar dos filhos (KUYUMJIAN; MELO; SANTOS, 2001).

Logo, Bruschini (1994) apresenta dados dessa mesma linha de estudo, segundo ele o motivo pelo qual as mulheres não estão inseridas no trabalho formal, seria a conciliação de horários do trabalho com o cuidado dos filhos, por não terem com quem deixar-los, ficariam impossibilitadas de cumprirem seus horários rigorosos. Foi então, que essa massa de empreendedoras optou pelo informal, tendo vista que nesse ramo elas poderiam fazer seus próprios horários.

Na tabela, a seguir, serão apresentados os resultados da pesquisa, com intuito de responder o objetivo geral desse trabalho, demonstrando os principais fatores motivacionais que levaram as mulheres a empreender informalmente.

**Tabela 1**–Síntese dos motivos causadores do empreendedorismo feminino

<b>Autor</b>	<b>Fator que levou a mulher empreender informalmente</b>
Amorim (2012)	Necessidade.
Bruschini (1994)	Conciliação de horários do trabalho com o cuidado dos filhos.
Gimenez, Ferreira e Ramos (2010)	Necessidade, falta de opção, manter e complementar a renda familiar, obter sua própria realização profissional.
Kon(2006);	Necessidade.
Kuyumjian, Melo e Santos (2001)	Necessidade, obrigação e responsabilidade com a família, flexibilidade de definir seus horários.
Potrich (2013)	A falta de oportunidade de emprego, a vontade de ter seu próprio negócio, o desemprego e o complemento da renda familiar.
Sebrae (2015)	Necessidade.
Silva (1997)	O alcance do fluxo de lucro total que supra as necessidades e os gastos principais das devidas famílias
Silvia (2019)	Financeiro, a liberdade e a flexibilidade.
Tomazini (1995)	Sobre oferta de mão de obra nos postos de trabalho formais.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Mesmo sendo esses os principais motivos, essa inserção é de extrema importância para as mulheres. Segundo Ferreira (2005), com esse aumento no mercado de trabalho, mesmo ele sendo informal, as mulheres vêm ganhando espaço na sociedade. Ellen et al. (2010) enfoca ainda que a mulher vem conseguindo competir de igual para igual com os homens no mercado de trabalho.

Sobre esse nível de igualdade, Amorim (2012) releva que a mulher conseguiu juntar suas características próprias com características que antes eram atribuídas somente aos homens. Segundo ele, com essa junção elas adquiriram um diferencial inovador que fazem delas empreendedoras de sucesso. Cavalcante (2018) completa ainda dizendo, que são essas características que fazem o diferencial do negócio que são empreendidos por elas.

No que diz respeito a esse tema, Machado (1999) ainda reforça essa mesma linha de pesquisa, afirmando que as empresas comandadas por mulheres têm suas taxas de sobrevivências mais elevadas do que as que são comandadas por homens.

Outro fato que demonstra que é de extrema importância a inserção da mulher no mercado de trabalho, mesmo que esse trabalho seja marcado por diversos contratempos, pois ela além de estar criando trabalho para si, ela ajuda a sociedade e a economia criando trabalho para outras mulheres (AMORIM, 2012).

Como podemos observar, existem muitos motivos que impedem as mulheres de estarem inseridas no mercado formal de trabalho, por outro lado, conduzindo-as a mercado de trabalho informal como estratégia de inserção e sobrevivência. Mesmo que ainda seja visível a submissão, precarização e exploração da imagem e do trabalho feminino em algumas atividades, as mulheres vêm ocupando espaços no mundo do trabalho, antes imagináveis. É notório o progresso político-crítico e também econômico deste gênero, com vista que ultrapassam a condição infligida ao seu papel de mulheres “cuidadoras do lar”, ou seja, a esfera doméstica.

Com a inegável inserção da mulher no mundo do trabalho, pode-se vislumbrar que as mulheres avançam na qualificação, em termos educacionais e de formação profissional, tendo como escopo avançar e conquistar espaços no mercado, até então, ditos como majoritariamente masculinos.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As mulheres estão se tornando cada vez mais ativas no mercado de trabalho. Após a Segunda Guerra Mundial houve uma entrada massiva das mulheres nesse campo.

Atualmente, o mercado do empreendedorismo está ficando cada vez mais competitivo entre os homens e as mulheres. A cada dia, as mulheres estão se esforçando para ter um maior destaque na esfera empresarial, somando-se a esse número também temos as que atuam nos setores autônomos. O presente estudo também aponta o segmento promissor no mercado empreendedor feminino, causado pela motivação das mesmas, a dedicação envolvida e do comprometimento com o trabalho, mesmo que tal inserção e esforço vieram acompanhados de uma intensificação na jornada de trabalho, tendo que atuar no campo profissional do

ramo autônomo, sem deixar de cumprir suas tarefas e afazeres domésticos, assumindo duplo ou triplo papel responsável.

O presente artigo alcançou seu objetivo geral que era identificar os motivos que levaram as mulheres a empreenderem informalmente, nove autores foram listados nos resultados, cada um deles demonstrando motivos para essa inserção, alguns iguais, outros diferentes. Em relação ao fator de relevância, vamos listar a seguir os mais citados pelo maior número de autor e, assim, consecutivamente até demonstrar todos os fatores.

Em destaque está a necessidade, esse fator foi apontado por cinco autores diferentes como sendo o principal fator dessa inserção. Outros fatores listados foram a flexibilidade de definir seus horários, a conciliação desses horários com o cuidado dos filhos, manter e complementar a renda familiar, a obrigação e responsabilidade com a família, falta de opção, o desemprego, a oferta de mão de obra nos postos de trabalho formais, obter sua própria realização profissional, o fator financeiro, a liberdade e a flexibilidade e a vontade de ter seu próprio negócio.

Em relação aos objetivos específicos que seria compreender os fatores que conduziram as mesmas a entrarem nesse ramo de atividade, sobretudo podemos dizer que tem como principal fator a necessidade, em seguida vem os fatores familiares, após isso a falta de postos de trabalho formais para essas mulheres e por último elas visam os fatores profissionais.

Outro ponto de observação está relacionado ao outro objetivo específico que seria revelar a importância do empreendedorismo para as mulheres. É de extrema importância a inserção da mulher no empreendedorismo informal, pois é a fonte de sustento de muitas famílias, foi a maneira que essas mulheres encontraram para se estabelecer na sociedade, além disso, elas criam empregos para si e para outras pessoas que necessitam de trabalho, que estão na mesma condição que elas.

Além disso, muitas dessas mulheres estão se desenvolvendo no mercado e com isso ganhando postos de trabalho mais respeitados, tendo em vista que os empreendimentos que são administrados por mulheres têm uma melhor taxa de sobrevivência no mercado.

Como estudos futuros, sugere-se investigar os impactos do cenário de pandemia provocada pela doença chamada COVID-19, com ênfase na feminização do mercado informal e os agravos que afetaram diretamente a mulher empreendedora.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, R. O. **Empreendedorismo feminino: razão do empreendedorismo**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro de Ensino Superior de Primavera. 2012. Disponível em: <[http://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/20170602115149.pdf](http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170602115149.pdf)>. Acesso em: 01 jun. 2020.
- BRUSCHINI, C. **O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes**. Instituto de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina: Santa Catarina, 1994. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/24327170?seq=1>>. Acesso em: 04 nov. 2019.
- CAVALCANTE, J. S. **Empreendedorismo feminino: um estudo sobre o perfil das mulheres empreendedoras informais no município de Solânea – PB**. UFPB: Bananeiras, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/15410/1/JSC28082019.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2020.
- CORDEIRO, C. N. M. **O perfil socioeconômico das mulheres manauaras que desenvolvem a atividade informal no entorno do UNINORTE**. 2011. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <[https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/17935/17935\\_3.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/17935/17935_3.PDF)>. Acesso em: 10 set. 2019.
- CRUZ, C. A. B. O desenvolvimento do mercado informal como elemento de geração de novos empreendedores. **Revista Científica do ITPAC**, Araguaína, v. 7, n. 4, Pub. 1, Outubro, 2014. Disponível em: <<https://assets.unitipac.com.br/arquivos/Revista/74/artigo1.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2020.
- DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo corporativo**. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=U8fVrwpeCu4C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=U8fVrwpeCu4C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 20 mai. 2020.
- ELLEN, A. et al. **Como planejar sua carreira: Um guia para administrá-la com sucesso**. 2º Ed. São Bernardo do campo, SP. 2010.
- FERREIRA, V. **Mulher e trabalho: encontro entre feminismo e sindicalismo**. São Paulo: Secretaria Nacional sobre a Mulher Trabalhadora da CUT, 2005. Disponível em: <[http://209.177.156.169/libreria\\_cm/archivos/pdf\\_952.pdf#page=31](http://209.177.156.169/libreria_cm/archivos/pdf_952.pdf#page=31)>. Acesso em: 15 mai. 2020.
- GIL, A. C. **Como classificar as pesquisas**. 2002. Disponível em: <<http://www.madani.adv.br/aula/Frederico/GIL.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

GIMENEZ, F.; FERREIRA, J.M.; RAMOS, S.M. **Empreendedorismo e estratégia de empresas de pequeno porte** – 3Es2Ps – Curitiba: Champagnat, 2010. Disponível em: <<https://pucpress.pucpr.br/index.php/pucpress/catalog/view/29/6/189-1>>. Acesso em: 25 mar. 2020.

HOUAISS, Antonio (Ed.). **Novo dicionário Folha Webster's**: inglês/português, português/inglês. Co-editor Ismael Cardim. São Paulo: Folha da Manhã, 1996. Edição exclusiva para o assinante da Folha de S. Paulo.

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. 2010. Brasil: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, 2010. Disponível em: <[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:eUtCbtYjqiwJ:ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho\\_e\\_Rendimento/Pesquisa\\_Mensal\\_de\\_Emprego/Estudos/Mulher\\_Mercado\\_Trabalho\\_Perg\\_Resp.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:eUtCbtYjqiwJ:ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Mensal_de_Emprego/Estudos/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br)>. Acesso em: 10 mai. 2020.

JAKOBSEN, K. et. al. **Mapa do trabalho informal**: perfil socioeconômico dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo. São Paulo: CUT Brasil, 2000. Disponível em: [https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2017/05/mapa\\_do\\_trabalho\\_informal\\_0.pdf](https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2017/05/mapa_do_trabalho_informal_0.pdf)>. Acesso em: 24 ago. 2019.

KON, A. **Segmentação e informalidade do trabalho nas empresas, em uma perspectiva de gênero**. São Paulo: PUC, 2006. Disponível em: <<http://cdn.fee.tche.br/mulher/2006/artigo3.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2019.

KUYUMJIAN, M. M. M.; MELLO, T. F. N.; SANTOS, C. C. B. **Vivências cotidianas do trabalho informal em Brasília**. Pesquisa em Serviço Social e Política Social. Brasília: UnB, 2001. Disponível em: <[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8555/1/ARTIGO\\_VivenciasCotidianasTrabalho.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8555/1/ARTIGO_VivenciasCotidianasTrabalho.pdf)>. Acesso em: 15 nov. 2019.

LIMA, J.C.; SOARES, M.J.B. **Trabalho flexível e o novo informal**. Caderno CRH, Salvador, n. 37, p. 163 – 180, jul./dez., 2002. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/article/view/18606/11980>>. Acesso em: 26 set. 2019.

MACHADO, H. V. **Tendências do comportamento gerencial da mulher empreendedora**. 1999. Disponível em: <[https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/assuntos/poder-e-participacao-politica/referencias/genero-e-mercado-de-trabalho-pr/tendencias\\_do\\_comportamento.pdf](https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/assuntos/poder-e-participacao-politica/referencias/genero-e-mercado-de-trabalho-pr/tendencias_do_comportamento.pdf)>. Acesso em: 29 mai. 2020.

NEVES, M. A.; PEDROSA C. M. **Gênero, flexibilidade e precarização**: o trabalho a domicílio na indústria de confecções. Soc. Estado. V. 22, n.1, Brasília – jan./apr. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-rttext&tlng=pt>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

NOGUEIRA, C. M. F. M. **A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização.** Dissertação de Mestrado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2004. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17846>>. Acesso em: 24 out. 2019.

NORONHA, E. G. "**Informal**", **ilegal, injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil.** Rev. Bras. Ci. Soc. v.18 n. 53 - São Paulo - Oct. 2003. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-t=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-t=sci_arttext)>. Acesso em: 15 nov. 2019.

OLIVEIRA, T. L. P.; LEITE, S. C. F. **Gênero e empreendedorismo: mulheres chefes de família empreendedoras informais no Brasil.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: <[http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1500257957\\_ARQUIVO\\_TextoCompleto.pdf](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1500257957_ARQUIVO_TextoCompleto.pdf)>. Acesso em: 10 mai. 2020.

POTRICH, A. C. G.; RUPPENTHAL, J. E. **Empreendedorismo na informalidade: um estudo de caso no Shopping Independência de Santa Maria-RS.** GEPROS. Gestão da Produção, Operações e Sistemas, Bauru, Ano 8, nº 3, jul-set/ 2013. Disponível em: <<https://revista.feb.unesp.br/index.php/gepros/article/view/1011>>. Acesso em: 23 mai. 2020.

PROBST, E. R. **A evolução da mulher no mercado de trabalho.** Santa Catarina: ICPG, 2003. Disponível em: <[http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/05/artigo\\_jan\\_gen\\_a\\_evolucao\\_da\\_mulher\\_no\\_mercado\\_de\\_trabalho.pdf](http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/05/artigo_jan_gen_a_evolucao_da_mulher_no_mercado_de_trabalho.pdf)>. Acesso em: 15 out. 2019.

QUIRINO, R. Trabalho da mulher no Brasil nos últimos 40 anos. **Revista Tecnologia e Sociedade** - 2ª Edição, 2012. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/4966/496650336006.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2019.

RENAUX, P. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua.** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. [S.l.], 27, nov., 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25534-desemprego-cai-para-11-8-com-informalidade-atingindo-maior-nivel-da-serie-historica>>. Acesso em: 26 set. 2019.

SARAIVA, A.; BELLO, L.; RENAUX, P. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua No dia da mulher, estatísticas sobre trabalho mostram desigualdade.** Agência IBGE notícias, 2017. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20287-no-dia-da-mulher-estatisticas-sobre-trabalho-mostram-desigualdade>>. Acesso em: 12 fev. 2020.

SASAKI, M. A. Trabalho informal: escolha ou escassez de empregos? : estudo sobre o perfil dos trabalhadores por conta própria. 2009. 144 f., il. **Dissertação** (Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) - Universidade de Brasília,

Brasília, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/4822>>. Acesso em: 25 out. 2019.

SCHEMES, C. **Arriscar e inovar: uma geração de empreendedores gaúchos do século XX**. Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica: 2010. Disponível em: <<http://www.abphe.org.br/revista/index.php/rabphe/article/view/8>>. Acesso em: 26 mai. 2020.

**SEBRAE**– Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. 2015. Disponível em: <[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS\\_CHRONUS/bds/bds.nsf/c6de907fe0574c8ccb36328e24b2412e/\\$File/5904.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/c6de907fe0574c8ccb36328e24b2412e/$File/5904.pdf)>. Acesso em: 02 mai. 2020.

\_\_\_\_\_ – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Relatório especial – Empreendedorismo Feminino no Brasil. 2019. Disponível em: <[https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/GO/Sebrae%20de%20A%20a%20Z/Empreendedorismo%20Feminino%20no%20Brasil%202019\\_v5.pdf](https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/GO/Sebrae%20de%20A%20a%20Z/Empreendedorismo%20Feminino%20no%20Brasil%202019_v5.pdf)>. Acesso em: 27 fev. 2020.

SILVA, N. D. V. **Mercado de trabalho formal e informal: uma análise da discriminação e da segmentação**. 1997. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11132/tde-20181127-160825/publico/SilvaNancyDeusVieira.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2019.

SILVIA, A. V. **Empreendedorismo por mulheres: uma análise do perfil e dos desafios enfrentados por mulheres empreendedoras**. UFFS: 2019. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/3273>>. Acesso em: 24 nov. 2019.

TOMAZINI, S. T. Emprego Informal e Trabalho por conta própria: um estudo da diversidade de manifestação do problema da falta de emprego no Brasil. 1995. 108 p. **Dissertação de Mestrado** – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/286251/1/Tomazini\\_SoniaTerezinha\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/286251/1/Tomazini_SoniaTerezinha_M.pdf)>. Acesso em: 05 nov. 2019.